

passiva. Por isso eles são chamados de ateus tanto pelos teólogos cristãos como pelos cientistas modernos. Nenhum destes dois grupos consegue compreender a lógica profunda da filosofia dos Svabhavikas. Os teólogos cristãos não aceitarão qualquer Deus diferente dos poderes secundários personificados que produziram o universo visível, e que se transformaram no pensamento deles no Deus antropomórfico dos cristãos - o Jeová masculino, rugindo entre relâmpagos e trovões. Por sua vez, a ciência racionalista saúda os Budistas e os Svabhavikas como os ‘positivistas’ das eras arcaicas. Se adotarmos uma visão unilateral da filosofia destes últimos, os nossos materialistas podem estar certos, à sua maneira. Os Budistas afirmavam que não há um Criador, mas uma infinidade de poderes criadores que formam coletivamente a substância una e eterna, e cuja essência é inescrutável, não sendo, portanto, objeto de especulação para nenhum verdadeiro filósofo. Sócrates invariavelmente se recusava a discutir sobre o mistério do ser universal; no entanto, ninguém jamais poderia pensar em acusá-lo de ateísmo, exceto aqueles que visavam a sua destruição. Ao inaugurar um período ativo, diz a Doutrina Secreta, uma expansão desta essência Divina ocorre de fora para dentro e de dentro para fora, em obediência à lei eterna e imutável [2], e o universo fenomênico ou visível é o resultado último da longa corrente de forças cósmicas assim colocada progressivamente em movimento. De modo semelhante, quando é retomada a condição passiva, ocorre uma contração da essência Divina, e o trabalho anterior de criação é gradual e progressivamente desfeito. O universo visível se desintegra, o seu material fica disperso, e a ‘escuridão’, sozinha e solitária, paira mais uma vez sobre a face da ‘profundeza’. Para usar uma Metáfora dos Livros Secretos, que transmite a ideia de modo ainda mais claro, uma respiração que lança para fora a ‘essência desconhecida’ produz o mundo; e uma inalação faz com que ele desapareça. Este processo vem ocorrendo durante toda a eternidade, e o nosso atual universo é apenas um dentro de uma série infinita, que não teve início e não terá fim. (Veja “Ísis Sem Véu” [3], e o texto “Dias e Noites de Brahmâ”, na parte II [4].)

NOTAS:

[1] No original em inglês, “Svâbhâvikas”, com dois acentos circunflexos. Na presente tradução, não estamos mantendo acentos nas transliterações de todas as palavras. Consideramos que é preciso dar passos para que palavras de origem sânscrita sejam absorvidas e popularizadas na língua portuguesa. A preservação do sânscrito é uma meta louvável. No entanto, estamos abordando aqui apenas modestas transliterações, sejam elas acentuadas ou não. O alfabeto devanagari do sânscrito é amplamente diferente do nosso. (Nota do Tradutor)

[2] O símbolo do movimento teosófico moderno inclui dois triângulos entrelaçados, um apontando para baixo, o outro apontando para cima. A imagem expressa este processo, que ocorre tanto em pequena como em grande escala ou “assim na terra como no céu”. O símbolo é conhecido como selo de Salomão ou estrela de David. (Nota do Tradutor)

[3] “Isis Unveiled”, Theosophy Co., Los Angeles, Vol. II, p. 264-265. Na edição brasileira, veja outra tradução do mesmo trecho em “Ísis Sem Véu”, H.P. Blavatsky, Ed. Pensamento, vol. III, pp.234-235. (Nota do Tradutor)

[4] Referência à parte II do primeiro volume de “The Secret Doctrine”, edição original. O texto começa à p. 368. (Nota do Tradutor)

Três Parágrafos de “Luz no Caminho”: **A Visão e a Audição dos Sábios**

Nota Editorial

“**O Teosofista**” começou a tradução seriada da obra “**Luz no Caminho**” em sua edição de agosto de 2011. O trecho a seguir está nas pp. 51-54 da edição original de “Light on the Path”, M. C., Theosophy Co., Los Angeles. Trata-se de parte do Comentário sobre o segundo Aforismo da obra. O trecho publicado na edição passada conclui com um parágrafo de que fazem parte estas palavras:

“Um escravo pode ser arrastado pelas ruas, acorrentado, e ao mesmo tempo manter a alma serena de um filósofo, como ocorreu no caso de Epicteto. Um homem pode ter todas as regalias do mundo, sendo aparentemente o senhor absoluto do seu próprio destino, e no entanto não saber o que é paz (....)”.

Acrescentamos notas explicativas sobre afirmações do texto que merecem exame especialmente atento.

(C. C. A.)

Um Trecho de “Luz no Caminho”:

Para deixar mais claro o que quero dizer, vou usar uma imagem simbólica. Pense num autor com seus escritos, um pintor com suas telas, um compositor escutando as melodias que surgem em sua imaginação feliz. Imagine que qualquer um destes trabalhadores passa seus dias junto a uma grande janela e olhando uma rua movimentada. A força da animação da vida interromperia tanto a visão como a audição, e para ele o grande tráfego da cidade é apenas uma cena passageira. Mas um homem cuja mente está vazia e cujo dia não tem objetivo, sentado àquela mesma janela, observa os que passam e percebe os rostos que o agradam ou interessam. O mesmo ocorre na relação da mente com a verdade eterna. Se a mente já não transmite à alma as suas flutuações, o seu conhecimento parcial e sua informação pouco confiável, então, no lugar interno de paz encontrado quando foi aprendida a primeira regra [1] - naquele lugar interno a luz do real conhecimento se torna uma chama. Neste momento, os ouvidos começam a escutar. No início, muito vagamente e de modo quase indefinido. E, de fato, estas primeiras indicações do começo da vida real e verdadeira são tão fracas e tênues que, às vezes, são colocadas de lado como meras fantasias e resultados da imaginação.

Mas, antes que estas indicações possam tornar-se mais que meras fantasias [2], o abismo do nada deve ser enfrentado de outra forma. O completo silêncio, que só pode ocorrer quando se fecham os ouvidos a todos os sons transitórios, vem como um horror mais assustador do que até mesmo o vazio sem força do espaço. [3] Nossa única concepção mental do espaço vazio ocorre, penso eu, quando ela é reduzida ao elemento mais simples do pensamento, a total escuridão. [4] Este é um grande terror físico para a maior parte das pessoas, e quando visto como um fato eterno e imutável, pode significar, para a mente, mais a ideia da aniquilação do que qualquer outra coisa. [5] Mas esta é a obliteração de apenas um sentido; e o som de uma voz pode surgir e trazer conforto mesmo na mais profunda escuridão. Tendo encontrado o

caminho que o conduz até esta escuridão que é o abismo temível, o discípulo deve então fechar as portas da sua alma para que nenhum elemento reconfortante, e tampouco nenhum inimigo, possa entrar nela. E é ao fazer este segundo esforço que o fato de que a dor e o prazer constituem uma mesma sensação se torna perceptível por aqueles que antes eram incapazes de reconhecê-lo. Porque quando a solidão do silêncio é alcançada a alma tem tamanha fome, e uma fome tão intensa e apaixonada por alguma forma de sensação sobre a qual possa descansar, que uma sensação dolorosa passa a ser tão bem-vinda quanto uma sensação agradável. Quando esta consciência é obtida - ao captá-la com firmeza e mantê-la -, o homem que possui coragem pode destruir de imediato a “sensibilidade”. Quando o ouvido já não discrimina entre o que é agradável e o que é doloroso, ele já não é afetado pelas vozes dos outros. [6] Então é possível, e é seguro, abrir as portas da alma.

A “visão” é o primeiro esforço, e o mais fácil, porque é obtida em parte através de um esforço intelectual. Como se sabe, o intelecto pode vencer o coração na vida comum. Portanto, este passo preliminar ainda está no domínio da matéria. Mas o segundo passo não permite que haja esta ajuda, nem qualquer outro auxílio do mundo material. Naturalmente quando falo de ajuda material me refiro à ação do cérebro, ou das emoções, ou da alma humana. Ao fazer com que os ouvidos ouçam apenas o silêncio eterno, o ser que nós chamamos de humano se torna algo que já não é humano. [7] Até mesmo uma observação muito superficial das mil e uma influências que os outros exercem sobre nós mostra que isso é verdade. Um discípulo cumprirá todos os deveres inerentes à sua condição humana; mas ele os cumprirá de acordo com o seu próprio sentido do que é correto, e não segundo a opinião de qualquer pessoa ou grupo de pessoas. Este é um resultado evidente do fato de que ele acredita no conhecimento, ao invés de adotar alguma forma de crença cega.

NOTAS:

[1] A primeira regra de “Luz no Caminho” é: “Antes que os olhos possam ver, eles devem ser incapazes de lágrimas.” (C. C. A.)

[2] A verdade é que, como são verdadeiras, estas impressões nunca foram fantasias. Elas apenas podem ter sido vistas como fantasia. Este é um pequeno mas sério lapso da autora destes comentários, que, pouco depois de escrevê-los, abandonaria tanto a ética como o movimento teosófico. Percepções corretas jamais começam como mera imaginação, e só podem ser confundidas com ela por mentes mal informadas. (C. C. A.)

[3] O silêncio e o vazio são “assustadores” para o egocêntrico, ou para o nível egocêntrico de consciência, no estudante. Para o aprendiz maduro, o vazio sem forma do Espaço é uma bênção que surge com grande alívio, trazendo libertação. No entanto, a vasta solidão nos planos inferiores de consciência pode assustar a natureza emocional do estudante. (C. C. A.)

[4] A afirmação é vaga e pode levar a equívoco. Na verdade, onde quer que haja uma concepção mental - “escura” ou não - inexistente silêncio. O silêncio e o vazio não têm atributos: onde existe alguma concepção a respeito deles, não há silêncio, ou vazio. (C. C. A.)

[5] Esta frase só faz sentido, em teosofia, como expressão e exemplo dos sentimentos de alguém que não possui coragem, autoconfiança e confiança na Vida, e por isso está fracassando no Caminho. (C. C. A.)

[6] Ele escuta então a voz do dever mais elevado. (C. C. A.)

[7] Não é mais humano no sentido de que já não está sujeito à morte; mas ainda é humano no sentido transcendente, assim como são humanos - embora imortais - os Mahatmas e Mestres de Sabedoria. (C. C. A.)

A Regra da Sinceridade

Carta de um Sábio dos Himalaias Mostra o Aspecto Rigoroso do Verdadeiro Aprendizado



Uma imagem dos Himalaias, em quadro de Nicholas Roerich

[**O Teosofista** reproduz a seguir a carta 24 da primeira série de “**Cartas dos Mestres de Sabedoria**”, compiladas por C. Jinarajadasa (Ed. Teosófica, Brasília). O texto tem grande importância por vários motivos, três dos quais devem ser citados aqui. Em primeiro lugar, a carta mostra a franqueza e a linguagem direta usada por sábios autênticos. Em segundo lugar, ela indica os perigos inevitáveis da falta de sinceridade ao longo do caminho do conhecimento. Vale sempre o axioma indicado de Helena Blavatsky no artigo “Chelas e Chelas Leigos”: “antes de desejar, faça por merecer”. Em terceiro lugar, a carta mostra a situação de um discípulo direto que está a um passo da queda.]

A Um Chela

Então você realmente imaginou que - quando lhe fosse permitido considerar-se meu chela - as negras recordações de seus erros passados estariam também ocultas de meu conhecimento, ou que eu *sabia* e mesmo assim *perdoava*? Você imaginou que eu era conivente com eles? Tolo...! três vezes tolo! Foi para ajudar a salvá-lo de seu Eu mais vil, despertar-lhe melhores aspirações; fazer com que a voz de sua “alma” desrespeitada fosse ouvida; para dar-lhe um estímulo para fazer *alguma* reparação... por estes motivos, *somente*, seu pedido para se tornar meu chela foi atendido. Somos os agentes da Justiça, não os lictores [1] sem sentimentos de um deus cruel. Mesmo indigno como você tem sido, colocando fora de modo vil seus talentos... cego como tem sido em relação aos clamores de gratidão, virtude e equidade, ainda assim você possui as qualidades de um homem bom - (*adormecidas*, na verdade, até agora!) e

de um chela útil. Mas até quando continuarão suas relações conosco - isto depende somente de você. Você pode esforçar-se para sair do lodo, ou deslizar de volta até profundezas de vício e miséria agora inconcebíveis para sua imaginação... Lembre-se... de que você está diante de seu *Atma*, o qual é seu juiz, e que nem sorrisos, nem falsidades, nem sofismas podem enganar. Até aqui você recebeu apenas pequenos *bilhetes* de mim e - *não me conhecia*; agora me conhece melhor, pois sou eu que o acuso diante de sua consciência alertada. Você não precisa fazer promessas da boca para fora a *Ele* [2] ou a mim, nem confissões pela metade. Ainda que... você derrame oceanos de lágrimas e rasteje na poeira, isso não alterará em nada a balança da Justiça. Se quiser recuperar o terreno perdido, faça duas coisas: promova a mais ampla, mais completa reparação... e dedique suas energias ao bem da humanidade... Tente preencher cada dia com pensamentos puros, palavras sábias, ações amáveis. Não darei ordens, nem irei mesmerizar você, nem o influenciarei. Mas sem que perceba e quando talvez você vier - como tantos outros - a desacreditar de minha existência, estarei observando sua trajetória e simpatizando com suas lutas. Se você sair vitorioso no final de sua provação, serei o primeiro a dar-lhe parabéns. E, agora, há dois caminhos à sua frente, *escolha!* Quando tiver escolhido poderá consultar seu oficial superior visível - H. S. Olcott, e ele será instruído por mim, através de seu Guru, para guiar você e mandá-lo adiante...

Você aspira a ser um missionário da Teosofia: seja um - se puder sê-lo *de fato*. Mas antes de sair pregando com um coração e uma vida prática que contradizem seu discurso - *bendiga o raio que cause a sua morte*, pois cada palavra irá acusá-lo no futuro. Vá e consulte o Cel. Olcott - confesse seus erros para *este bom homem* - e peça seu conselho.

K. H.

NOTAS:

[1] *Lictor*: Oficial da antiga Roma que acompanhava os magistrados com um molho de varas e uma machadinha para as execuções de sentença. (N. ed. bras.)

[2] *Ele*: No original, *It*: refere-se ao *Atma*. (N. ed. bras.)

Atenção Com os Pequenos Desafios

Robert Crosbie

Penso que o desespero e o desânimo surgem de não seguir *o que sabemos, e não aplicamos*. Se fazemos um esforço por praticar o que sabemos com uma meta definida, a impossibilidade de alcançar o objetivo não nos decepciona, porque ainda temos o conhecimento ativo, e a meta ainda está diante de nós. Apenas é necessária a continuação do esforço. “É só no presente que podemos obter sabedoria”.

Há muita mediocridade na atitude em relação às pequenas coisas, uma atitude que acentua a personalidade, ao invés de dominá-la. A luta deve começar neste ponto, porque todas as pequenas irritações têm como base a auto-afirmação. Tenho visto estas pequenas questões serem desprezadas como algo sem importância, mas depois surge o momento em que a auto-afirmação se volta contra os próprios Instrutores: “Eles eram apenas pessoas, sujeitos a erros, etc.” Seguem-se a isso, como decorrência natural, a ingratidão e a deslealdade, e até mesmo a perda de todo benefício pelo contato com os ensinamentos. A verdade é como você diz; os Arjunas [guerreiros] postergam a luta, esperando que surja algum grande desafio para eles

A posse de Barack Obama no cargo eletivo mais importante do mundo também trouxe um desafio para os estudantes de teosofia. Embora o ensinamento original e os setores autênticos do movimento esotérico sejam anti-racistas, existe um desrespeito irremediável em relação a negros e índios em vários livros de Charles Leadbeater, o bispo da chamada “Igreja Católica Liberal” que viveu até 1934 e é o autor mais “importante” da pseudo-teosofia ritualista promovida pela Sociedade de Adyar.

É verdade que, desde a vitória da democracia na segunda guerra mundial, os livros de Leadbeater vêm sendo gradualmente deixados de lado. A tendência é saudável. O processo, porém, tem sido excessivamente lento.

Falso clarividente, Leadbeater foi expulso da Sociedade Teosófica em 1906 pelo seu presidente fundador, Henry Olcott. Por algum motivo lamentável, Olcott morreu poucos meses depois - e Leadbeater de imediato voltou a dominar a Sociedade, criando ritualismos e organizando uma paródia da volta de Cristo. No século 21, a situação é outra. Cresce o número de pessoas que compreendem o alerta feito pelo fundador de Loja Unida de Teosofistas, Robert Crosbie:

“Leadbeater queria ser reconhecido como um grande instrutor, e para chegar a outros reinos da natureza ele usou os meios mais abomináveis - magia negra, na realidade.” [1]

A denúncia das ideias leadbeaterianas é particularmente importante no Brasil, porque o país é multicultural e multirracial, e a sua legislação define racismo como crime. Divulgar as ideias de Leadbeater contraria a lei vigente. Os membros e líderes da Sociedade de Adyar são pessoas sinceras, mas nem sempre estão bem informados, e são, às vezes, vítimas de medo supersticioso. Nos tempos atuais, com acesso mais fácil aos fatos, eles podem e devem ampliar seu contato com a realidade, optar pelo bom senso, e impedir a lamentável divulgação de ideias fascistas em nome da teosofia.

Leadbeater Afirma Haver Matado Brasileiros

Em sua edição de dezembro de 2007, “O Teosofista” analisou principalmente o livro “**O Homem Visível e Invisível**”, de Charles Leadbeater, mostrando que este autor expressa ali a ilusão - supostamente “clarividente” - de que os brancos são superiores aos negros e aos indígenas. Vejamos agora mais especificamente o que Leadbeater afirma em outra obra em relação ao povo brasileiro.

No prefácio do seu livro “**The Perfume of Egypt**” [2], ele escreve que “as histórias contadas neste livro são verdadeiras”. O conto mais longo da obra descreve, sob o título “**Salvo Por Um Espírito**”, as supostas experiências de C. W. Leadbeater no Brasil em torno de 1860.

Cabe, inicialmente, perguntar: quem afirma que se trata de fato do Brasil? No texto, C. W. L. só menciona “América do Sul”. É C. Jinarajadasa, protagonista da história e suposto irmão de C. W. Leadbeater, quem escreve que os acontecimentos ocorreram no Brasil. Jinarajadasa afirma:

“A história da minha prévia (e gloriosa) morte no Brasil está narrada no capítulo “**Salvo Por Um Espírito**”, da obra ‘**The Perfume of Egypt**’, de C. W. Leadbeater.” [3].

No Brasil, a obra de Leadbeater foi publicada com o título geral de “**Salvo Por um Espírito**”. Jinarajadasa acrescenta que, pouco depois de morrer como irmão biológico mais moço de C. W. Leadbeater, ele nasceu de novo no Sri Lanka. Alguns anos mais tarde Leadbeater foi a Sri Lanka e o teria “reconhecido” como seu irmão em seu novo corpo.

A obra “A Gnose Cristã”, de Leadbeater, inclui uma pequena biografia do autor. Em uma nota de pé de página para a edição brasileira da Ed. Teosófica de Adyar [4], há a afirmação, com base em “The Theosophical Yearbook of 1937”, p. 219, de que Leadbeater veio ao Brasil quando tinha 13 anos de idade, junto com seu pai e seu irmão Gerald. A nota acrescenta que os acontecimentos narrados em “**Salvo Por Um Espírito**” ocorreram na Bahia.

A narrativa de “**Salvo Por Um Espírito**” é surpreendente em vários sentidos. O autor descreve da seguinte maneira o povo brasileiro, à página 109 da edição da Ed. Pensamento:

“Primeiro, vêm os descendentes dos conquistadores espanhóis e portugueses - raça orgulhosa, indolente, elegante e hospitaleira, de forma alguma destituída de boas qualidades, mas, ainda assim, tendo como sua mais forte característica um imensurável desprezo (ou afetação disso) por todas as outras raças, fossem elas quais fossem.”

Há muitos erros nestas poucas linhas.

Em primeiro lugar, os espanhóis nunca foram “conquistadores” do Brasil. Por outro lado, os povos português e espanhol não podem ser descritos como uma “raça”. Muito menos como uma “raça indolente”. Em terceiro lugar, os portugueses não demonstravam de modo algum “imensurável desprezo” por outras “raças”.

Mas, no parágrafo seguinte, Leadbeater fica ainda mais longe da realidade: “Depois, vinham os índios vermelhos”, diz ele. Como se sabe, nunca houve “índios vermelhos” no Brasil. No entanto, a expressão “índios peles-vermelhas” é comum nas histórias de banguê-banguê do faroeste norte-americano.

C. W. L. continua:

“Dessas tribos, muitas tinham adotado um tipo de esquálida semi-civilização, mas muitas outras ainda eram selvagens, indomadas e indomáveis - homens que viam o trabalho, fosse de que espécie fosse, como a mais profunda degradação, e que odiavam o homem branco com um ódio tradicional, inflexível, e que (estranho como possa parecer) iam ainda além da reciprocidade do infinito desprezo dos fidalgos espanhóis de sangue azul. Será, sem dúvida, incompreensível para muitos de nós que um selvagem seminu possa manter qualquer outro sentimento que não seja o da inveja pela nossa civilização superior, por muito que não gostem de nós, mas só posso dizer que o mais autêntico e natural sentimento do Índio Vermelho para com o homem branco é puro e implacável desprezo.” [“**Salvo Por Um Espírito**”, p. 109.]

O ódio racial brilha tanto quanto a ignorância, nesta passagem infeliz. Três aspectos devem ser ressaltados:

1) Temos aqui novamente os “fidalgos espanhóis”, que parecem estar governando o Brasil, um país independente de Portugal desde 1822, e que nunca teve uma classe dominante “espanhola”.

2) Vemos no trecho mais uma vez os “Índios Vermelhos”.

3) A verdade é que os povos indígenas no Brasil tinham menos ódio que amizade pelas pessoas brancas. Predominavam a integração e a cooperação. Na ausência delas, havia submissão.

Assim, esses parágrafos não são de modo algum verdadeiros em relação ao Brasil, ou ao estado da Bahia. Mas Charles W. Leadbeater prossegue:

“Em terceiro lugar vinha a raça negra - parte não pequena da população, em sua maioria em estado de escravidão, embora o governo estivesse fazendo tudo quanto podia para afastar aquela maldição de seus territórios. Por fim, vem o pior, os chamados mestiços, meio sangue - raça mesclada que parecia, como às vezes acontece com esse tipo de raça, combinar todas as piores qualidades das raças de ambos os progenitores. Os índios, os espanhóis, os negros, todos eles os desprezavam, e eles, por sua vez, olhavam todos os outros com virulento rancor.” [“**Salvo Por Um Espírito**”, metade superior da p. 110]

O trecho faz uma defesa aberta do racismo.

Ainda que a narrativa não se referisse ao Brasil, e mesmo que ela possa ser vista apenas como uma ficção de péssima qualidade, o tom racista presente no texto é enfático, inegável e inaceitável.

Estas idéias são radicalmente opostas à filosofia teosófica, e antecipam a ideologia nazista da “raça superior”.

Para assinalar a posição da teosofia autêntica, vejamos a carta de um Mahatma escrita no início dos anos 1880, em que o Iogue relata a posição tomada pelo Mestre dos Mestres, o Chohan:

“Para alcançar o objetivo proposto [para o movimento teosófico], foi determinado que houvesse uma convivência maior, mais sábia, e especialmente mais benevolente, do superior com o inferior, do Alfa e do Ômega da sociedade. A raça branca deve ser a primeira a estender a mão da fraternidade aos povos de cor escura e a chamar de irmão o pobre ‘negro’ desprezado. Esta perspectiva pode não agradar a todos, mas não é teosofista aquele que se opõe a este princípio.” [5]

E H.P. Blavatsky escreveu em “A Doutrina Secreta”, referindo-se a um cientista de nome Agassiz:

“A unidade da espécie humana foi aceita pelo professor de Cambridge do mesmo modo como ela é aceita pelos ocultistas, ou seja, no sentido da homogeneidade essencial e original, com sua origem vindo da mesma fonte: - isto é, negros, arianos, mongóis, etc., todos surgiram da mesma maneira e dos mesmos ancestrais. Estes últimos eram todos da mesma essência, embora diferenciados porque pertenciam a sete planos, que diferiam em grau, mas não em espécie.” [6]

A descrição feita por Leadbeater de relações inter-raciais baseadas em ódio seria motivo de riso, se não fosse tão ofensiva. A frase em que afirma que “por fim vem o pior, os mestiços”,

assegurando que “os mestiços combinavam todas as piores qualidades das raças de ambos os progenitores”, é digna de especial atenção por seu tom, que antecipa a ideologia fascista.

Desde uma perspectiva teosófica, muito pelo contrário, misturar culturas e povos de cores de pele diferentes é parte essencial da preparação para a futura humanidade. O primeiro objetivo do movimento teosófico - a constituição de um núcleo da fraternidade universal sem distinção de raça, entre outros itens - não deixa dúvidas em relação a este ponto.

A narrativa de Leadbeater descreve uma suposta revolta organizada por “índios ferozes” contra a construção de uma estrada de ferro, realizada pelos ingleses. Ele afirma, comentando o momento em que a revolta imaginária estalou:

“Eu passei a mão no meu rifle também - porque eu também tinha um. Naquela região selvagem nem mesmo o pequeno Gerald jamais saiu sem seu minúsculo revólver metido no cinto, e eu, habitualmente, levava um par de Colts, e carregava um rifle comigo, sempre que saía para uma caminhada. E essas precauções não eram de forma alguma desnecessárias...”

É estranho pensar que crianças usassem “minúsculos revólveres” para defender-se; ou que um garoto de 13 anos de idade carregasse “dois Colts e um rifle” cada vez que saía para dar uma caminhada, conforme aparece na página 117 do livro, na edição brasileira.

Seja como for, Leadbeater descreve a sua situação em meio aos violentos combates imaginários:

“Até aquele momento havíamos escapado ilesos, enquanto um número bastante grande de cadáveres jazia em torno da cabana, porque até Gerald havia, valentemente, tomado parte na luta, e abatera pelo menos dois selvagens, além de ferir mais um outro. Do meu lado, um tipo de aspecto feroz havia introduzido a boca do seu rifle através de uma das fendas. Saltei para um lado, agarrei a arma exatamente quando ele a descarregava e disparei meu revólver em cima dele, diretamente para seu rosto. Ele caiu de costas com um gemido, deixando o rifle metido através da fenda.” (página 118, na edição da ed. Pensamento)

Na p. 120, o “bispo” C. W. Leadbeater afirma que, depois de uma pausa, aproveitou a oportunidade para matar outros indígenas:

“... O silêncio transformou-se num pandemônio de sons, os selvagens correndo aos urros em direção à nossa cabana, mais uma vez, disparando louca e incessantemente seus rifles. Eu já havia dado conta de vários dos meus agressores quando meu pai gritou para mim, do outro lado: ‘Aqui, deste lado! Aponte apenas para aqueles homens que trazem o tronco.’ Vi, então, que seis ou oito dos índios estavam carregando um pesado tronco, que contavam usar, era evidente, para derrubar a nossa porta. (...) Concentramos o fogo dos nossos revólveres sobre os que carregavam o tronco; assim, quando chegaram a meia distância a metade deles já estava no chão, e os que ficaram viram que o peso era demasiado para eles. Outros saltaram para a frente, bravamente, a fim de tomar o lugar dos caídos, mas chegaram tarde demais para segurar o tronco que tombava, e desde que ele foi parar no chão, cada homem que se aproximava encontrou a morte.”

No trecho acima, o criador da “Igreja Católica teosófica” confessa que atirava com armas de fogo contra homens desarmados (já que tinham os braços ocupados em carregar o tronco). Atirava, pois, a sangue frio.

Para comprovar a falsidade da narrativa, um teosofista brasileiro solicitou a ajuda de Edivaldo Batista de Souza, que em 1999 presidia a loja teosófica de Adyar na cidade de Salvador, Bahia. Assim, foi obtido o testemunho de um historiador local. O sr. Desiderio Bispo de Melo, historiador da Universidade da cidade de Salvador, teve a assistência de Mônica Cristina da Fonseca, uma estudante do quinto semestre do curso de História.

O parecer de Desiderio Bispo de Melo diz que uma estrada de ferro estava de fato sendo construída na Bahia em 1860-1862; e que havia ingleses envolvidos. Mas esclarece que não houve qualquer revolta com as características pintadas por Leadbeater e, na verdade, não houve qualquer revolta.

O historiador destaca o fato bem conhecido de que o Brasil, como nação, já possuía na época um aparelho de estado completo e organizado. A Bahia era uma das províncias mais importantes do império, e o eventual assassinato de um cidadão inglês teria atraído atenção internacional.[7] Fica estabelecido, deste modo, que nada há de real na fantástica e desastrada narrativa de Leadbeater. Na época, um destacado líder da Sociedade Teosófica de Adyar no Brasil, seguidor radical de Annie Besant, tentou argumentar:

“Bem, o parecer do historiador mostra que os fatos não ocorreram na Bahia. Eles podem ter ocorrido em algum outro estado...”.

A idéia não faz sentido. Não há registros de revoltas importantes de índios brasileiros contra as autoridades do país, e muito menos na segunda metade do século 19. Os índios brasileiros não usavam armas de fogo. Eles eram vítimas do alcoolismo, e morriam de gripe, de doenças venéreas, de fome, subnutrição, mas não ofereciam resistência à destruição da sua cultura.

Mesmo hoje, mais de 500 anos depois da chegada dos homens brancos em nosso litoral, há casos em que os indígenas do estado do Mato Grosso se inclinam para o suicídio, mas não para matar quaisquer cidadãos de cor branca. E isso ocorre porque os índios brasileiros são mais pacíficos que os “Índios Vermelhos” que no início do século 19 eram mortos - não sem resistência - na América do Norte. Mais pacíficos, e também menos desenvolvidos.

O que a narrativa de Leadbeater mostra é apenas racismo, desprezo pela vida humana e a fantasia irresponsável de que negros e indígenas são moralmente inferiores aos brancos.

Errar é humano, mas corrigir os erros também é humano.

A grande oportunidade histórica que está hoje diante dos responsáveis pela Sociedade de Adyar - e de todos os seus membros e amigos - é a de abandonar pública e honestamente a pseudofilosofia de Annie Besant e Charles Leadbeater, e adotar a filosofia da fraternidade universal ensinada por Helena P. Blavatsky, Damodar Mavalankar, William Q. Judge, Robert Crosbie - e centenas de pensadores de todos os povos e de todos os tempos.

NOTAS:

[1] “The Friendly Philosopher”, Robert Crosbie, Theosophy Co., Los Angeles, 1946 / 2008, 416 pp., ver p. 28.

[2] A primeira edição de “The Perfume of Egypt” apareceu em 1911. A edição brasileira deste livro de C. W. Leadbeater saiu pela Editora Pensamento, SP, sob o título de “Salvo Por Um Espírito”.

[3] “Os Sete Véus Sobre a Consciência”, de C. Jinarajadasa, livro de 77 pp. editado pela Sociedade Teosófica no Brasil na década de 1960, em SP. Veja, ali, na p. 67, a nota de pé de página escrita por C. Jinarajadasa.

[4] “A Gnose Cristã”, C.W. Leadbeater, Ed. Teosófica, Brasília, 552 pp. A nota citada está na p. 15.

[5] Carta 1, “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, editadas por C. Jinarajadasa, Ed. Teosófica, Brasília. Veja a metade inferior da p. 18.

[6] “The Secret Doctrine”, Helena Blavatsky, Vol. II, p. 607, Theosophy Co., 1982. Veja “A Doutrina Secreta”, Ed. Pensamento, SP, vol. IV, p. 176, nota de rodapé.

[7] Uma cópia xerox da íntegra do documento do historiador baiano pode ser obtida entrando em contato com os editores de “O Teosofista”.

Novos Textos em FilosofiaEsoterica.com

A seguir, o relatório de www.FilosofiaEsoterica.com e websites associados, válido para 11 de Novembro.

O total de textos em espanhol é de **29**. Em inglês, são **389** textos. Em língua portuguesa há **693** itens. Em italiano, dois textos. O conjunto dos quatro idiomas soma **1113** itens.

Os textos incluídos nos websites associados entre 14 de outubro e 11 de novembro de 2012 são os seguintes:

(Artigos mais recentes acima)

- 1.Desfazendo Impressões Erradas - Carlos Cardoso Aveline**
- 2.The Theosophy of Barack Obama - Carlos Cardoso Aveline**
- 3.Uma Batalha Diária - Carlos Cardoso Aveline**
- 4.Entheasm - Alexander Wilder**
- 5.Examinando Sete Perguntas - Carlos Cardoso Aveline**
- 6.Os Chelas - Helena P. Blavatsky**
- 7.The Theosophy of Music in Nature - Helena P. Blavatsky**
- 8.Meditação pelo Despertar Planetário - Carlos Cardoso Aveline**
- 9.O Elogio das Dificuldades - Carlos Cardoso Aveline**
- 10.The Aquarian Theosophist, October 2012**
- 11.The Daily Battle - Carlos Cardoso Aveline**
- 12.O Lado Luminoso de Saturno - Carlos Cardoso Aveline**
- 13.A Pedagogia Teosófica - Carlos Cardoso Aveline**
- 14.Imparare da Ogni Singolo Evento - Helena P. Blavatsky**

